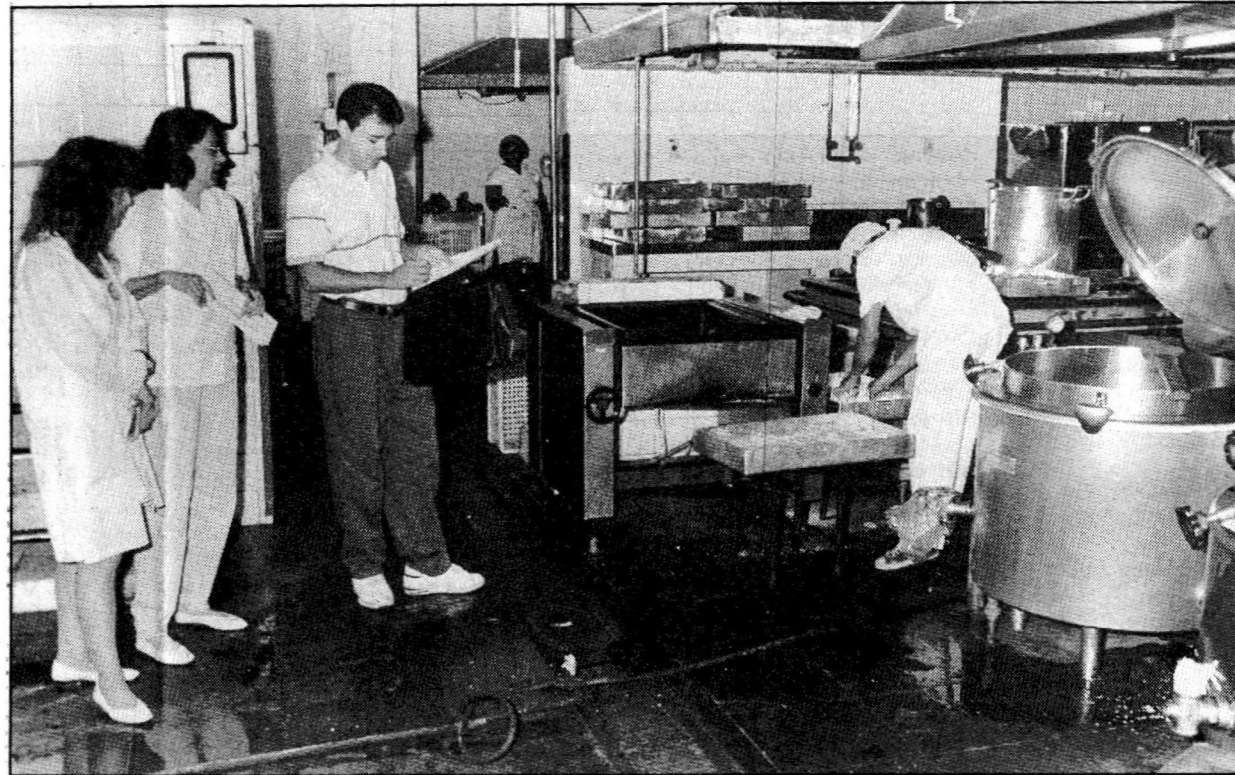


Blitz surpreende Hospital Universitário

CARLOS MOURA



Entre todas as instalações visitadas, a cozinha do hospital foi a que apresentou maior número de deficiências

O Conselho Regional de Enfermagem realizou ontem uma fiscalização surpresa no Hospital Universitário de Brasília. Participaram da operação, também, representantes do Conselho Regional de Odontologia, do Sindicato dos Odontólogos, do Conselho Regional de Farmácia, de Nutrição, Assistentes Sociais, Psicologia e Administração. E a resposta para todas as irregularidades constatadas foi a mesma: os recursos disponíveis não são suficientes. Mesmo quando as deficiências são com relação à falta de identificação da validade dos medicamentos, azulejos quebrados na cozinha, falta de pessoal e bolor no teto no corredor da emergência.

Segundo a representante do Conselho Regional de Farmácia, Sandra Márcia Misael de Oliveira, esta fiscalização surpresa está sendo feita a cada 20 dias. "Visitamos o hospital e depois cada conselho faz o seu relatório. Depois, nos reunimos novamente e fazemos um apanhado geral de

todas as falhas detectadas", informou. O documento é depois entregue ao responsável técnico do hospital para discussão das irregularidades. Um mês após essa reunião, a fiscalização volta ao hospital para observar as providências que estão sendo tomadas.

Irregularidades — No Hospital Universitário, as maiores deficiências foram encontradas na cozinha. De acordo com a nutricionista Albaneide Peixinho, as infecções hospitalares podem ter seu início dentro das cozinhas. "A máquina de assepsia não está funcionando, por isso a limpeza dos utensílios utilizados pelos funcionários é feita manualmente e por toda parte do local podemos ver azulejos quebrados, descascados, o que possibilita a proliferação de moscas, formigas, baratas", disse Albaneide. Segundo ela, foram encontrados ainda fios elétricos descascados no meio de poças de água, representando um grande perigo inclusive para os encarregados da cozinha.

Na sala de enfermagem do se-

tor de emergência, onde se encontram os medicamentos necessários, também foi constatada uma outra irregularidade. A maioria dos remédios não tem indicado o prazo de validade, até mesmo aqueles que são destinados a pacientes em estado grave como o quinino, adrenalina e aminofilina. Mas para Albaneide, apesar disso, "há outros hospitais em Brasília que estão em condições muito piores". No centro cirúrgico foi encontrada uma goteira numa sala onde estava sendo realizada uma operação de catarata e constatada a necessidade de reparo na sala de cirurgia cardíaca.

Para o diretor do Hospital Universitário, Ruy Archer, o grande problema é que o Inamps paga o quanto quer e quando quer. "Nós temos cerca de mil 155 funcionários e nossa folha de pagamento está por volta de Cr\$ 600 milhões e sempre recebemos o dinheiro da fatura do Inamps com muito atraso e sem nenhuma correção", reclamou Archer.